



Mulheres pescadoras artesanais: relações de gênero e violência na colônia z7, Tocantinópolis-To

Artisan fishing women: gender relations and violence in colonia z7, tocantinópolis-to

*Éven Bandeira Goncalves*¹
*Rejane Medeiros*²
*Mariane da Siva Pisani*³

RESUMO:

Este artigo apresenta reflexões sobre as construções de gênero nas relações entre mulheres pescadoras da Colônia Z7, localizada na cidade de Tocantinópolis. Nosso objetivo é mostrar os dilemas, as dificuldades e a relação que essas mulheres pescadoras têm com o Rio Tocantins e a profissão exercida.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Pesca Artesanal. Violência.

ABSTRACT: This article considers gender constructions in relations among fisherwomen of the Z7 Colony, located in the city of Tocantinópolis, state of Tocantins, Brazil. TO. Our objective is to show the dilemmas, difficulties and the relationship that these womenrelationship that these women fishermen have with the Tocantins River and the profession exercised.

KEYWORDS: Women. Artisanal Fishing. Violence.

* * *

¹ Possui Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis (2012- 2019), foi Bolsista do Programa Centro de Referência em Cidadania e Direitos Humanos (2014-2016). Monitora Voluntária (2017) do Programa Institucionamde Monitoria (UFT). E-mail: evenbandeira@hotmail.com.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, faculdade de Ciências sociais (2017), atua como Professora e vice- coordenadora do Programa de Pós-graduação Cultura e Território- PPGCULT, UFT, campus Araguaína-TO.. E-mail: rejmedeiros@mail.uft.edu.br

³ Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP) (2013). Professora Efetiva na Universidade Federal do Tocantins. É formada no curso de Ciências Sociais, com habilitação em Bacharelado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2007-2011). E-mail: mariane.pisani@mail.uft.edu.br

Introdução

As reflexões a seguir tratam sobre as relações de gênero existentes entre mulheres pescadoras da Colônia Z7, localizada na cidade de Tocantinópolis. Para delimitar e problematizar essas relações de gênero abordaremos questões como: espaço privado e público, dupla jornada de trabalho, profissão, filhos, representatividade e lugares de fala vivenciados por essas mulheres. Nosso objetivo é mostrar os dilemas, as dificuldades e a relação que essas mulheres pescadoras têm com o Rio Tocantins e a profissão exercida.

A historiadora norte-americana Joan Scott conceitua gênero da seguinte maneira: “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21). É a partir desta categoria de análise, portanto, que elaboraremos algumas reflexões teóricas que são próprias dos Estudos de Gênero na perspectiva das Ciências Sociais. O artigo apresentado, bem como seus resultados, deriva de uma etnografia e da aplicação de questionários com um grupo de mulheres pescadoras da Colônia Z7.

Gênero enquanto categoria analítica

Para além das diferenças biológicas existentes entre mulheres e homens, gênero marca as diferenças socialmente e culturalmente construídas, revelando a dominação de um sexo sobre o outro. O conceito de gênero mostra que muitas das diferenças construídas historicamente e socialmente são naturalizadas e pensadas enquanto características essencialmente biológicas. Desta forma, por exemplo, alguns espaços de trabalho são definidos como pertencentes – ou próprios - de cada gênero. Da mesma forma, características como liderança, força, resistência podem ser definidas enquanto essencialmente masculinas e sensibilidade, fragilidade, delicadeza enquanto femininas. Quando rotulado isso ou aquilo como

feminino ou masculino se estabelecem níveis hierárquicos de poder, geralmente sendo o gênero masculino mais valorizado social e historicamente do que o gênero feminino. Essa hierarquia muitas vezes impede que as mulheres adentrem determinados espaços, logo, limitando as ações delas.

Relações de poder se tornam a primeira dimensão de dominação de um indivíduo sobre o outro e o gênero é, nesse sentido, um componente essencial para desvelar as relações sociais entre homens e mulheres. As relações de gênero, portanto, estão ligadas às construções sociais, ou seja, à forma como mulheres e homens são educados na infância, bem como à indicação do que pertence ao universo feminino e ao masculino. No ambiente de trabalho as diferenças são mais nítidas como, por exemplo: os cargos que cada um ocupa, a diferenciação salarial, a valorização e o reconhecimento das tarefas realizadas. As relações de gênero incidem ainda sobre o vocabulário linguístico da mulher e do homem, delimitando aquilo que uma mulher não pode falar e a forma como ela deve falar. Geralmente são interditos às mulheres os palavrões e o falar alto.

Frequentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas se baseiam em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino (SCOTT, 1995, p. 26).

Partimos então do princípio de que o conceito de gênero revela a existência de espaços historicamente demarcados e estes, por sua vez, tendem a reproduzir relações de violência.

Metodologia aplicada durante a pesquisa

O presente artigo discute as relações de gênero existentes entre homens e mulheres da Colônia Z7 de atividades pesqueiras da cidade de Tocantinópolis, norte do estado do Tocantins. Este artigo, portanto, origina-se a partir da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. O mesmo foi

defendido e aprovado em julho de 2019, na Universidade Federal do Tocantins.

Para o desenvolvimento da pesquisa e, conseqüentemente, da elaboração deste artigo foram realizadas algumas incursões etnográficas à Colônia Z7 durante o primeiro semestre do ano de 2019. Aliada à observação participante, foram aplicados questionários e, posteriormente, conduziram-se algumas entrevistas com pescadoras. No total foram entrevistadas três mulheres. Apenas um homem pescador foi entrevistado. Vale ressaltar que este homem pescador, Seu Marcos, participou da entrevista da companheira, Dona Flávia, inicialmente na condição de ouvinte. Contudo, no desenrolar da entrevista, Seu Marcos foi dando respostas ora com a intenção de complementar ora claramente com a intenção de se sobrepor às respostas de Dona Flávia.

Em linhas gerais, as mulheres desta etnografia são de 40 a 50 anos, negras, ensino fundamental incompleto, e atuam desde muito novas na atividade da pesca da cidade de Tocantinópolis. Todos os nomes apresentados neste artigo foram trocados, a fim de garantir o anonimato das mulheres.

Discussão dos dados

Dona Luiza (44 anos) nos conta que na colônia dos pescadores Z7 foi realizado um curso para tirar a carteira de habilitação marítima. Segundo ela esse curso aconteceu durante uma semana e foi composto por aulas teóricas e práticas. Durante uma prova prática, segundo Dona Luiza, as mulheres presentes se sentiram intimidadas pelos comentários dos homens, comentários esses que revelam que elas estão ocupando um espaço que historicamente não é feminino. A entrevistada fala que eles estavam debochando delas:

Tem muita mulher que fala assim, “ei eu não vou tirar não, tem muito homem que fica mangando⁴”, aí eu falei “mulher pois, eu te dou todo apoio pra tu tirar,

⁴ Mangado: categoria êmica (nativa) que significa fazer troça e/ou piada de algo ou de alguém.

pois eu tirei a minha e não me arrependi”. Tinha uma colega nossa, que o marido dela num é lá essas coisas muito bom pra ela, né, aí ela foi tirar, ela ficou com medo, tava com vergonha, na hora de ir pra água, né, ela ficou falando “não mulher eu num vou não que eu sou nervosa”, aí como nois era pouca mulher nesse dia lá, eu nem sei quantas mulheres, mas nois não era muita lá, era mais homem, né, só que assim, tinha uns homens lá que às vezes falava assim, tipo debochando da gente sabe, entendeu, que é mulher, né, aquela coisa, né, aí ela ficou muito nervosa, ei nos fomos lá onde ela, conversamos com ela, “mulher oh, força, que nós vamos tá aqui e tu vai passar” “mulher mais eu não consigo” “tu vai conseguir”, o marido dela nem lá não pisou, nois fomos fala na beira rio, na hora que ela foi lá, que atravessamos pra ir pra santa, pra poder fazer o nosso, né, nois fomos lá, quando foi na hora, nois ficamos lá perto dela, minha fia, na hora que ela pegou essa canoa, ela foi de boa, e fez a dela de boa, e quem sabia, aquele que sabia, que tinha mais costume de andar de avoadeira, não passou, confiou, confiou, que, “eu sei, eu vou passar”, e nois como não sabia, passamos de boa, depois eu falei pra ela, “oia aí, tá vendo, se tu tivesse desistido, tu não tinha tirado tua carteira (Luiza, Pescadora, 2019).

Entre as pescadoras e os pescadores da colônia Z-7 em Tocantinópolis, pode-se notar, durante as observações etnográficas, uma relação supostamente amistosa: eles se ajudam, brincam e conversam. Contudo, essa amistosidade ocorre até certo ponto. Quando eles percebem que a mulher está ocupando espaços que “pertencem” historicamente a eles, a amistosidade se transforma em relação conflituosa. Segundo o relato de Dona Luiza, quando eles se sentem ameaçados, fazem a tentativa de minimizar o local que elas ocupam. Dizem e agem de forma a mostrar que o espaço da pesca não é lugar delas.

As mulheres que estão na profissão da pesca precisam enfrentar inúmeros desafios, sendo o maior deles o preconceito vivido no espaço de trabalho. Durante a entrevista com Dona Flávia (43 anos), ao perguntar se ela, em algum momento, ouviu comentários, piadas a respeito do trabalho delas ou mesmo se existe isso no meio profissional de trabalho, ela respondeu da seguinte maneira:

Tem pescador, pescadora. As colegas mesmo falam uma das outra, eu não ligo pra isso aí, pode falá, elas mesmo, as mulheres pescadora, elas mesmo jogam piada uma nas outras “fulana não é pescadora”, “fulana é tal”, eu não ligo não, porque elas são também, são a mesma coisa (Flávia, Pescadora, 2019).

Podemos notar, portanto, que a violência simbólica sofrida por essas mulheres permeia e está vividamente introjetada nas relações sociais da Colônia Z7. Esta observação pode ser averiguada na fala de Dona Flávia, quando a mesma nos mostra que as próprias mulheres reproduzem os discursos dos homens que as deslegitimam na atividade pesqueira. Dona Flávia nos fala ainda que já ouviu uma “piada” vinda de um dos pescadores. Ela nos conta:

É já ouvi, ele disse “é você não é pescadora”, eu digo, “como você sabe, você não anda mais eu, quem tem que andá mais eu é meu marido, aí você não pode dizer que eu não sou pescadora, né”, aí também, calou tudo (Flávia, Pescadora, 2019).

As falas em tom de brincadeira são sempre usadas como elemento de afirmação e disseminação de preconceito com relação à participação da mulher na profissão da pesca artesanal. Percebe-se nas falas que o preconceito se faz presente não apenas nas relações entre pescadora e pescador, mas entre as próprias pescadoras. Como dito anteriormente, elas propagam um discurso pré-estabelecido. Dessa forma, ao mesmo tempo em que sofrem preconceito, elas também o reproduzem.

Características físicas como força e resistência sempre foram colocadas como obstáculos à permanência das mulheres na atividade pesqueira. Essas características são mantidas, no discurso, enquanto domínios masculinos. Sabemos que mulheres e homens têm graus de força física diferentes uns dos outros, mas isso não quer dizer que as mulheres não tenham força física ou mesmo que não podem estar em atividades que necessitem do uso da mesma.

Dona Luiza nos fala como a força física é necessária em sua profissão e como ela se coloca diante dessa situação:

Há diferença sim, porque o homem ele é, nem todas as mulheres têm a mesma força que o homem, né, num tem aquela mesma coisa, acho assim, a diferença só aí, mas pra mim mesmo a diferença mesma é pouca, porque eu ajudo ele em tudo né, então pra mim, mas tem mulheres que geralmente não dão conta, porque num vão pro rio pra ajudar pegá uma caixa, botar rede, eu mesmo quando vou pro rio eu ajudo em tudo, tem negócio deu (pausa). Se eu for mais ele, é nois dois, num tem negócio não de num vou fazer isso aqui não, eu faço (Luiza, Pescadora, 2019).

Na pesca artesanal a força física pode até ser pensada enquanto elemento limitador; contudo, como percebido a partir das observações etnográficas, não é um impeditivo às mulheres para que desenvolvam as atividades de suas profissões. Ou seja, elas são ativas e fazem tanto – ou até mais – que os homens pescadores.

Diante deste contexto, pode-se afirmar que a participação da mulher no universo da pesca ocorre em um contexto de limitações e dificuldades, ainda mais acentuadas em relação às comumente enfrentadas pelo gênero masculino, pois o estabelecimento de atribuições ocupacionais distintas entre homens e mulheres produz alto grau de complexidade no que se refere às questões de gênero na atividade (MARTINS; ALVIM, 2016, p. 381).

Enquanto a pesca – espaço público - é um local socialmente atribuído aos homens, o espaço privado da casa é atribuído ao feminino. Ou seja, para além das atividades pesqueiras, essas mulheres são responsáveis pela manutenção, limpeza, alimentação, cuidado com os filhos e marido. Na fala de Dona Luiza, podemos perceber que essas atividades domésticas vêm antes da sua atividade profissional:

Eu é assim, geralmente eu, que a gente pesca de segunda, a gente num gosta de ir pro rio segunda-feira, né, segunda-feira eu vou arrumar o que tiver de

arrumá em casa, aí quando for terça-feira eu vou pro rio, aí passo, terça, quarta, quinta e sexta-feira eu já tô de volta, aí quando eu chego em casa, aí eu vou arrumar minhas coisas, primeiramente eu guardo logo o peixe mais meu marido, aí depois vou arrumar minhas coisas, aí vou lavar roupa, vou fazer o que tiver de fazer, porque aí assim, tem que porque aí na terça-feira já tem que ir voltar novamente, né, e é longe, porque se fosse uma coisa que você fosse lá e à noite você tivesse em casa, mas não, mais aí você pode tá em casa, tem que ir pro rio, tem que ficar lá, aí assim eu, quando eu chego em casa eu me viro, aí o que eu tiver que fazer, eu lavo roupa, limpo casa, lavo vasilha, arrumo o que tiver de arrumar, aí quando é segunda-feira eu deixo tudo arrumadinho, eu gosto de ir pro rio, mas eu gosto de deixá minhas coisas tudo arrumado, porque é ruim demais a gente chegar do rio, a gente já chega cansado, porque o rio é cansativo, você chega em casa, é você mesmo, enquanto você tá lá movimentado, você tá mexendo, fazendo uma coisa, você tá bem, mais moço, quando sai do rio você vem pra casa, você em casa, ah minha nossa senhora, dá vontade de fazer mais nada, mas infelizmente, tem que fazer (Luiza, Pescadora, 2019).

A pescadora é responsável pelo trabalho produtivo – da pesca - e reprodutivo – das atividades do lar, sendo que o segundo tem um peso maior que o primeiro. Ou seja, a atividade reprodutiva vem primeiro: é preciso lavar, limpar, guardar, cozinhar e cuidar dos filhos antes de sair para pescar.

Segundo a geógrafa Mary Lurdes Santana Martins e o biólogo Ronaldo Gomes Alvim, a presença da mulher junto com seu marido - ambos pescadores - é importantíssima para o sucesso e andamento das atividades de pesca. Quando trabalham juntos, certas atividades são desenvolvidas com maior precisão como, por exemplo, controlar e pilotar o barco, puxar e retirar os peixes da rede, colocar a rede etc. (MARTINS; ALVIM, 2016). Essa afirmação dos autores pode ser vista e confirmada do trabalho de campo e nas entrevistas realizadas durante a pesquisa:

Quando ele tá só, eu tô mais ele, né, agora, como agora, esse ano a gente tem um companheiro nosso, que vai mais nois, que é o Marcelo, né, tá mais nois esse ano, aí eu fico na barraca e eles na tarrafa, enquanto eles tá lá, eu vou

pescar na ceva, eu fico na ceva pescando. Aí quando só nois dois eu vou com ele, porque pra jogar tarrafa tem que ter alguém pra pilotar, aí eu tenho que lá pra pilotar, pra ele poder jogar a tarrafa, porque jogar a tarrafa sozinho é ruim demais, porque você tem que pilotar, quando perto você tem que vim lá, pro bico da canoa pra poder jogar, né. Então é ruim, aí, então tem que ter alguém pra pilotar. Aí esse como tem o Marcelo pescando mais nois, aí eles vão e eu fico, aí quando eles chegam eu já arrumei tudo, aí se for a tardinha, já fiz a janta, aí falta só o peixe (Luiza, Pescadora, 2019).

Às vezes quando ele vai colocar a rede, eu fico no barraco ne, fazer o café, fazer a comida de manhã, meio-dia faz o almoço, de manhã faz o café, aí quando ele vai olha a rede, eu vou mais ele à tarde (Flávia, Pescadora, 2019).

A fala de Dona Luiza afirma o que já foi dito por Martins e Alvim (2016): o papel realizado pela mulher é importante para o desenvolvimento da pesca, não porque elas fazem a comida, o que não deixa de ser importante, mas porque na falta de uma terceira pessoa, são elas que puxam e colocam a rede dentro do barco, tiram o peixe das redes, pilotam e auxiliam a jogar a tarrafa.

Às vezes sim, eu mais meu marido somos assim, quando nois vamo pro rio olhar as redes, quando nois chega num barraco aí vamos fazer a janta, acaba de fazer a janta, a gente vai pelás o peixe, né, aí vamo guardá, ele vai pegando e eu já vou alimpando aí já vai, aí depois a gente só guardando, ele vai encambar e eu já vou guardar, é assim (Luiza, Pescadora, 2019).

Martins e Alvim relatam ainda que fica ao encargo da mulher a limpeza do pescado, bem como o concerto dos equipamentos de pesca (MARTINS; ALVIM, 2016). Mesmo que a mulher se ocupe de atividades próprias relacionadas da pesca, ela não fica liberada das atividades domésticas. A dupla jornada de trabalho, portanto, é visível na vida da pescadora:

⁵ Pela: categoria êmica (nativa) que diz respeito à limpeza do pescado.

Geralmente a mulher fica em casa, né. Quando chega (o marido), ela ajuda vender, ajuda a pela, ajuda a fazer o que for, né, obrigatório pra fazer, a mulher, né. Geralmente muitos num levam suas esposas pro rio, mas já fica em casa, quando chega em casa ela que toma de conta, e eu gosto, eu é porque gosto mesmo de ir pro rio mesmo, eu acho bom ir pro rio pescar (Luiza, Pescadora, 2019).

Quando dona Luiza fala que “eu gosto mesmo de ir pro rio mesmo”, entende-se, segundo a cientista social Maria Angélica Motta-Maués, que:

A participação da mulher nesse trabalho permite a ela ampliar seu campo de ação para além dos limites acanhados a sua casa, possibilitando-lhe a oportunidade de mostrar a sua outra face, de colaboradora do homem na tarefa básica da produção familiar (MOTTA-MAUÉS, 1993, p. 85).

As geógrafas Mariana Morenna Figueredo e Catherine Prost (2014) afirmam que as mulheres têm como profissão catar mariscos e são apoiadas pelos seus maridos, pois eles também têm a mesma profissão, podendo também receber o apoio dos filhos que acompanham suas mães. As autoras falam que os esposos e os filhos compreendem que o trabalho exercido por essas mulheres é importante para a renda familiar. O mesmo acontece com as pescadoras em Tocantinópolis, o trabalho delas é de extrema importância para a renda familiar.

Além de trabalharem como pescadoras, contribuindo com a renda da família, as entrevistadas ainda realizam outras atividades para complementar a renda familiar, “[...] uma função basilar que as mulheres assumem a de gerar uma renda monetária complementar, se possível contínua, pois os ganhos oriundos da pesca, via de regra, são instáveis”. (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012, p. 716). Desta forma, as pescadoras da Colônia Z7 trabalham ainda realizando faxina na casa de outras pessoas, vendendo produtos de beleza e lanches feitos em casa:

Nossa é aqui em casa mesmo, só aqui. Quando chega, a gente tem os nosso clientes certo, né, às vezes aparece um e outro, mais é assim, geralmente vem aqui em casa e procura, e o peixe, aí a gente, o nosso peixe é o seguinte, quando chega você tem que vim, porque se você vim depois, você não acha mais, é por causa da facilidade, né, porque ele já é limpo, né, num tem nada, é só você comprar e vai ajeitar seu peixe pra comer, então assim, chego é muito difícil ficar um peixe no congelador, num fica não (Luiza, Pescadora, 2019).

A socióloga Maria Cristina Alves Maneschy (2013) comenta que as mulheres de pescadores desenvolvem várias atividades econômicas para obter uma renda extra, sendo que esta renda extra, muitas vezes, é a única no mês, uma vez que o trabalho da pesca muitas vezes não é suficiente para o sustento da casa. A autora diz que muitas mulheres fazem “[...] diversos expedientes para complementar a subsistência da família e, por vezes, seu ganho é o único da casa” (MANESCHY, 2013, p. 60). Como vemos na fala de Dona Luiza, sua produção é vendida toda em casa, ela também falou que faz faxina sempre que precisa, e vende geladinhos⁶.

Segundo a historiadora Daniele Monteiro Mota (2015), quando se discorre sobre o trabalho na pesca desenvolvido pelas mulheres, automaticamente se julga necessário falar do trabalho que elas realizam no ambiente doméstico, pois um trabalho não difere do outro, estão interligados. Não há, portanto, diferenciação de territórios, muitas delas levam sua produção para casa e vendem seu pescado em casa. O trabalho muitas vezes é próximo de suas casas, revelando que as atividades realizadas por elas em suas casas caminham junto com as atividades desenvolvidas na pesca artesanal.

A pesca pode ser considerada uma profissão tradicional que é passada dos pais para os filhos. Muitas vezes os filhos acompanham seus pais e assim aprendem a profissão. Isso nos mostra que a ausência de não ter recursos para pagar alguém para ficar com as crianças ou mesmo a impossibilidade de deixá-las com algum familiar faz com que as crianças desde cedo aprendam a profissão:

⁶ Geladinho: uma espécie de picolé artesanal preparado dentro de pequenos sacos plásticos.

Por certo, a maioria dos pescadores e pescadoras se inicia na profissão desde cedo, por acompanharem os pais na pescaria. De fato, a falta de creches e escolas em período integral faz com que as mães não tenham onde deixar os filhos, tendo que levá-los para a pescaria (FIGUEREDO; PROST, 2014, p. 89).

Para não deixar seus filhos sozinhos ou com outras pessoas, muitas mulheres optam em ficar em casa e ir ao rio apenas no fim de semana, principalmente no período escolar. No caso da dona Luiza, ela deixava seus filhos com sua mãe enquanto ia ao rio:

Quando eles eram pequenos ia para a escola, aí meus irmãos moram aqui comigo, aí eu deixava eles na escola, aí eles ia pra escola de manhã, o mais velho, levantava de manhã meu irmão, e já estava banhado. Cada um se vestia, tomava banho, tomava café e mandava pra escola, depois ele ia pra casa da minha mãe, aí o restante do dia eles passavam só, quando eles chegavam da escola ficavam só, se viravam, eles faziam a comida, eles que se viravam, né, aí quando era a noite, aí eu sempre pedi pro meu irmão vim dormir com eles, pra não deixar eles sozinhos a noite, porque eu não queria que eles ficassem sozinhos. Mas hoje, se fosse naquela época eu não deixava, me arrependi demais de ter deixado meus filhos sozinhos pra ir pescar, o que eu falo hoje pro meu marido, meu bem se fosse hoje eu não deixava meus filhos. Quando eles eram menor, eu deixava na creche, minha mãe trabalhava na creche, né, eu deixava com minha mãe, aí no período da manhã ficava com minha mãe, aí depois minha mãe arrumava eles e deixava eles aqui em casa. Mais eu sempre falo, se fosse na época de hoje eu não ia, tu ia sozinho pro rio, e eu ficava com meus filhos, eu falo pra ele, moço era arriscado demais, tu é doido, quando eu penso, menino, nam, quando eu pensava que deixava meus filhos sozinhos aqui, pra mim ir pro rio, moço de Deus, rum, gente era muita loucura mesmo, mas já, passou, graças a Deus nunca aconteceu nada, tá bom de mais (Luiza, Pescadora, 2019).

No final da sua fala, a entrevistada relata como se sente por ter deixado seus filhos sozinhos quando eles eram crianças. A mulher por ser responsável

por cuidar da família, quando deixa para segundo plano a esfera privada, acaba sentindo culpa, pois deixa de fazer aquilo é socialmente, culturalmente e historicamente atribuído à mulher. Dona Fernanda (43 anos) também fala da preocupação de deixar seus filhos adolescentes sozinhos enquanto está no rio:

Já tão grande já, mais hoje em dia a gente não pode confiar mulher, deixar os filhos dentro de casa, uma hora a gente pensa que tá seguro e de repente não tá, o Daniel e Aline que mora comigo, a Daiane já casou, são adolescentes (Fernanda, Pescadora, 2019).

De acordo com Motta-Maués a pesca é uma atividade realizada pelos homens (MOTTA-MAUÉS, 1993). Sobre este ponto, podemos pensar que a construção da identidade das pescadoras está baseada em uma identidade já existente, a masculina. Martins corrobora com a afirmação de Motta-Maués ao destacar que ao observar que as atividades desenvolvidas pelas mulheres durante a pesca artesanal pode perceber que estas estão relacionadas à imagem masculina (MARTINS, 2005 *apud* MARTINS; ALVIM, 2016). Desta forma, podemos afirmar que o trabalho das pescadoras é visto, de modo geral, como uma ajuda ao trabalho desenvolvido pelos maridos, da mesma forma que está correlacionado ao trabalho doméstico.

Identidades pesqueiras

As identidades da pescadora e do pescador se constroem em torno de alguns elementos. Retomamos a divisão dos locais de pesca e os equipamentos/instrumentos de trabalho utilizados pelas pescadoras(os) para pensar as relações de poder e de gênero estabelecidas a partir desses dois elementos. Desta forma, pretendemos evidenciar como locais de pesca e instrumentos de trabalho marcam diferenças na identidade pesqueira de homens e mulheres.

Durante a pesquisa, ao ouvir as entrevistadas, notamos que há uma clara diferenciação sobre os lugares físicos nos quais as mulheres pescam:

geralmente elas desenvolvem seu ofício em locais próximos à cidade. Este fato pode ser explicado a partir de uma série de questões: talvez por ficar mais perto de casa, por pescarem sozinhas ou mesmo por não possuírem ou não saberem pilotar um barco. Tais questões precisam ainda ser investigadas de forma mais profunda; fica aqui, portanto, o convite para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre mulheres pescadoras. Os homens, por sua vez, sempre pescam em locais mais distantes da cidade, utilizando o barco para poder chegar ao local no qual seu barraco se localiza. A maioria das mulheres que pescam nos locais mais distantes da cidade estão acompanhadas de algum membro de sua família, geralmente homem: marido, pai e/ou filhos.

Para onde nois vamos tem, assim, tem outros pescador, tem mulher, também tem mulher, tem mulher, mais na minha área pra cá pra baixo tem menos. La pra cima tem mais. A onde nois pesca fica no Toiri, por aí no Zé do bezim, no seu Bina, até..., eu já fui até o Croá. (Luiza, Pescadora, 2019).

As mulheres ficam daqui do porto de Tocantinópolis pra cima, eu daqui, eu nunca fui lá pra cima, o meu local de pesca é daqui do porto de Tocantinópolis pra lá, pra baixo, descendo, aí eu vou com meu esposo pra lá, e eu gosto ó, de pescar, eu acho bom pesca de mais (Luiza, Pescadora, 2019).

Aí se você for observar as mulheres que pescam assim, a maioria dos maridos não tão pescando no barranco, mais pesca mais no seco e não embarcada. Quem pesca de barranco é limitado, fica só ali, e da canoa não. Exemplo, no barranco, você tá pescando, às vezes você tá limitado de pescar só do lado daqui, e sei eu tiver embarcado, tô pescando em aqui, “mínimo aqui tá ruim, vou é pro porto franco”, do barranco não, pensa duas vezes pra poder ir (Marcos, Pescador, 2019).

Quando perguntados sobre a diferença dos locais de pesca, pudemos observar nas falas, principalmente a do Seu Marcos, esposo de Dona Flávia, respostas como “a maioria dos maridos não tão pescando no barranco”; “Quem pesca de barranco é limitado”. Isso revela não só a diferenciação existente entre os locais de pesca entre homens e mulheres, mas uma inferiorização dos locais em que as mulheres geralmente pescam.

Assim, uma apreensão verdadeiramente relacional da relação de dominação entre os homens e as mulheres, tal como ela se estabelece em todos os espaços e subespaços sociais, isto é, não só na família, mas também no universo escolar e no mundo do trabalho, no universo burocrático e no campo da mídia, leva a deixar em pedaços a imagem fantasiosa de um "eterno feminino", para fazer ver melhor a permanência da estrutura da relação de dominação entre os homens e as mulheres, que se mantém acima das diferenças substanciais de condição, ligadas aos momentos da história e às posições no espaço social (BOURDIEU, 2012, p. 122).

O barranco é um local de pesca essencialmente de mulheres, podemos dizer então que o barranco é um espaço feminino, rodeado de todos os preconceitos ligados à mulher. O barranco é um território, portanto, feminino, marginalizado, visto como inferior, afinal “os homens não estão pescando lá” e as pessoas que pescam nesses locais são “limitadas”.

Além das hierarquias estabelecidas nos locais de pesca, a tarrafa – instrumento que auxilia na prática pesqueira – aparece enquanto objeto masculino e de poder. A tarrafa marca uma diferença entre homens e mulheres na pesca, sendo que este artefato é utilizado, grande parte, por homens.

A tarrafa é um objeto que leva pesos, tornando-a um objeto pesado. Mesmo havendo a possibilidade de ser adaptada, para que as mulheres também possam utilizá-la, isso não ocorre. Essa adaptação não acontece justamente pela conotação de características masculinas atribuídas ao objeto. Utilizar uma tarrafa na atividade de pesca confere poder e *status* para os pescadores homens.

Não, eu não, só o meu esposo, coloco rede, rede eu coloco, tiro o peixe mais ele, joga tarrafa⁷ não, é muito pesada. Usamos rede, tarrafa, anzol, gosto muito de pesca de anzol e linha de mão, agora pesca com caniço e linha de mão eu pesco muito, que fica na beira mesmo lá perto do barraco, aí a gente, tem um

⁷ Instrumento rendado com linhas de náilon, tendo em sua base pequenos pesos de chumbo, podendo ter de 5 a 6 quilos aproximadamente.

seva na frente, aí a gente vai pescando de linha de mãos, e eles pescando de tarrafa, pro meio do rio vou sempre com ele ne (Fernanda, Pescadora, 2019). Nunca, nunca tentei aprender, um dia desse eu até falei pro meu bem, “bem eu vou tentar aprender a jogar tarrafa, nem que eu mergulhe com ela e tudo”, aí ele, “é mesmo”, aí ele falou, “tá bom de tudo aprender, porque também num aguento jogar a tarrafa”, né, por causa do braço dele que é quebrado, então num aguenta jogar tarrafa, aí eu falei pra ele, “eu que vou é aprender tarrafa”, aí ele, “é mesmo, tá bom de aprender mesmo, aí pelo menos tu joga a tarrafa (Luiza, Pescadora, 2019).

Quando as pescadoras rompem o vínculo com os homens e passam a ir pescar sozinhas, precisam enfrentar suas limitações e quebrar obstáculos que encontram no meio do caminho. Segundo Mota os perigos que as pescadoras precisam enfrentar em sua jornada de trabalho são muitos como, por exemplo, os animais, jacarés e cobras (MOTTA, 2015). A autora salienta que além de ter que tomar cuidado com os animais, as pescadoras precisam se proteger das pessoas, tanto dos pescadores desconhecidos como daqueles que se dizem pescadores.

Nossa interlocutora, Dona Fernanda, fala que nunca foi pescar sozinha, por ser muito perigoso. De acordo com ela:

Nunca fui sozinha, é muito perigoso, um mulher ir sozinha e tá pescando, os perigos, mulher todo jeito que a gente vai pro rio é perigoso, é perigoso o rio encher e a gente andar sozinha no lugar e não ter como se virar numa rapidez né,? a gente com duas, três pessoas é mais rápido a gente se virar com rio, também o Perigo de gente mesmo, que a gente não pode confiar em ninguém hoje em dia, a gente tá lá sozim, e de repente chega alguém querendo fazer o mal, então, não dá pra pescar só, sempre acompanhada mesmo, é complicado, principalmente mulher, pra homem não (Fernanda, Pescadora, 2019).

Profissão: pescadora

s Linha de náilon com um anzol na ponta da linha, o tamanho vai depender da necessidade do uso.

A colônia dos pescadores Z7, da cidade de Tocantinópolis, pode e deve ser analisada enquanto território político em que demandas, projetos e proposições são expostos ao coletivo e, posteriormente, votados. Nesse território são decididas ações de melhoria para a vida dos pescadores. A partir desta pesquisa, pensamos que essas deliberações coletivas deveriam olhar não só para as demandas do grupo como um todo, mas também para as demandas das mulheres, diminuindo assim as barreiras enfrentadas por elas, dando suporte ao trabalho desenvolvido e amenizando diferenças entre homens e mulheres nessa profissão. Contudo, não é isso que acontece. Martins e Alvim (2016) entendem que a invisibilidade e a falta de reconhecimento do trabalho realizado pelas mulheres na profissão da pesca artesanal não podem ser vistas de maneira geral, pois não acontecem em todos os lugares, afinal em muitos lugares as mulheres já obtiveram seus direitos de trabalhadoras.

Diante dos grandes obstáculos que devem ser enfrentados para que as mulheres alcancem o reconhecimento na esfera social, assim como na profissional, as autoras ainda afirmam que as colônias e as associações têm um papel importantíssimo no cenário pela luta por melhoria das condições sociais e profissionais das pescadoras, abraçando as pautas que envolvem o universo dessas mulheres, possibilitando um lugar às pescadoras. Autores como o cientista social Diego Rocha Medeiros Cavalcante (2008) e a antropóloga Ellen Woortmann (1991) criticam a questão da invisibilidade relatada em muitas produções acadêmicas.

A invisibilidade do trabalho das mulheres na pesca artesanal não se encontra apenas na comunidade acadêmica, mas na cidade também. Pouco se conhece da profissão, principalmente da participação das mulheres. A entrevistada Fernanda reclama com muita tristeza da falta de reconhecimento por parte da população, principalmente quando ela diz sua profissão; de acordo com ela, as pessoas fazem pouco caso de sua profissão. “Pescadora num é uma profissão [...]. A gente luta pra ser bem vista [...]. Mulher pescadora, parece que é uma coisa assim, fraca né? Parece que não consegue fazer nada, e pra mim num é” (Fernanda, Pescadora, 2019).

Apesar de todas as dificuldades que a profissão de pescadora possa proporcionar, elas são felizes naquilo que fazem. Pescar possibilita a elas independência. Da mesma forma, foi a atividade da pesca que possibilitou a elas uma profissão, bem como garantiu e ainda garante a manutenção e alimentação da sua família:

Uma profissão boa, ela é ótima, a gente tá no rio é uma paz tão grande, é uma paz assim quando você tá no rio, num tem essa zuada, num tem esse movimento de carro pra lá e pra cá, assim, é uma paz, quando a gente tá no rio, é uma profissão difícil, mas se torna uma assim, satisfatória, da gente tá lá, tá longe da casa, mas tá bom, num tá ruim, não tá tão ruim assim, eu acho bom ir pro rio, me distrai bastante, melhor do que tá aqui na rua, na hora que a gente quiser tomar um banhozim a água tá lá na beira lá passando, a gente vai lá toma um banho, troca de roupa, fica à vontade, é bom, eu acho bom (Fernanda, Pescadora, 2019).

As pescadoras da Colônia Z7 ainda não se veem como um coletivo. Há, portanto, a necessidade da construção de uma identidade própria que leve em consideração: suas experiências, sua visão de mundo, dificuldades e particularidades. Só assim será possível reconhecer que mesmo participando de uma comunidade, as demandas de homens e mulheres não são iguais. É imprescindível romper com esse discurso. “O não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva a legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo (RIBEIRO, 2017, p. 30).

Eu sou do conselho fiscal né, eu sou a primeira do conselho fiscal né, aí eu faço parte da fiscalização, do conselho fiscal, nois somos treis, é eu daqui, e dois colegas lá do Alto Bonito, comprei uma briga feia um dia aí, saí de ruim, mas agora tô de boa, porque tudo que eu queria deu certo, e vocês acham que eu no conselho fiscal não é nada (Luiza, Pescadora, 2019).

De acordo com a socióloga Maria Cristina Alves Maneschy, a socióloga Dais Elucy Sigueira e a cientista política Maria Luiza Miranda Álvares

(2012), a partir do momento em que as mulheres passam a se entender como importantes geradoras econômicas, elas também se tornam agentes políticos dentro da comunidade, forjando e reafirmando as identidades de suas comunidades:

As reivindicações de mulheres por reconhecimento de seus vários papéis - econômicos, sociais, políticos – tendem a significar empoderamento das comunidades no tocante ao controle dos recursos de que dependem. Isso porque tratam de trazer a gestão pesqueira para o nível local, compreendendo que a pesca artesanal, como as demais atividades produtivas não se mantêm por si sós, através dos laços mercantis. Ao contrário, decorrem de um conjunto de funções e de relações, envolvem mulheres e homens, tarefas associadas a saberes diversificados, à sociabilidade e a espaços interacionais específicos (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012, p. 722).

As mulheres da colônia de pescadores Z-7 ainda precisam realizar um “[...] rompimento da narrativa dominante [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 10), para que aconteça a elaboração da identidade das mulheres pescadoras. Somente assim elas poderão lutar por espaço, ter representação ativa dentro da colônia, mostrar suas demandas e lutar por elas.

Não, lá como a gente costuma dizer, num tem não, porque até hoje o Aroldo (antigo presidente da colônia) nunca deixou a gente fazer essas coisas não. Mulheres e homens sempre é uma coisa só. Não, até então assim, tudo que vem pra colônia é dividido entre os pescadores, não exclui nem mulher e nem homem, entendeu? São todos iguais (Luiza, Pescadora, 2019).

Martins e Alvim (2016) defendem que as colônias, assim como as associações, são importantes para dar voz e oportunidades:

Frente aos desafios do reconhecimento social e profissional, faz-se necessário mencionar que as colônias de pescadores ou associações têm um importante papel a desempenhar, devendo, pois, assumir essa demanda, possibilitando que as pescadoras também tenham lugar” (MARTINS; ALVIM, 2016, p. 382).

A associação a uma colônia ou associação dá oportunidade de ter direitos que sem a colônia seria difícil de obter, como a aposentadoria, pensões, auxílio-doença, o seguro defeso, a carteira de habilitação marítima, a carteirinha de pescador, além de adentrar outros espaços, como disse dona Luiza:

Eu acho assim, na nossa colônia tem muitas mulheres igual eu, né, não têm estudo, né, não teve né, os pais não tiveram a condição de colocar os filhos no estudo, né, então assim, quase todas as mulheres que eu conheço optaram de ir pra colônia pescar, porque é um meio mais fácil pra você se aposentar, né, porque geralmente a gente tem que pagar o INSS, né, e o pescador já paga, né, já facilita sua vida, principalmente na aposentadoria, então muitas mulheres num têm o estudo, né, e outras mulheres que estão lá depois que entraram na pesca que estão estudando também e fazendo faculdade... foi uma oportunidade (Luiza, Pescadora, 2019).

As pescadoras de Tocantinópolis ainda precisam “[...] romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 50-51); mudar o cenário em que se encontram é importante para que elas possam alcançar lugares em que possam ser ouvidas. Para a filósofa Djamila Taís Ribeiro dos Santos (2017), o ato de falar não é apenas emitir sons, palavras, mas é um ato de existir. Ocupar postos de importância dentro de uma organização é importante, mas ainda é necessário que sua presença seja uma porta de entrada para que as pautas de gênero possam ser debatidas. Ter uma mulher que seja uma figura onde essas pescadoras se sintam representadas, seria um passo importante para se libertar das opressões do silenciamento, e tornar visíveis suas demandas e sua profissão.

Considerações finais

A participação da mulher na pesca artesanal na cidade de Tocantinópolis não é recente, as mulheres sempre estiveram presentes nesse espaço, embora não fossem vistas pela sociedade local. Sua participação na pesca é fundamental, pois a sua presença contribui para o desenvolvimento tanto de seu trabalho, do trabalho de seu esposo e para a manutenção de sua família. A conciliação entre trabalho produtivo e reprodutivo é muito presente na vida dessas mulheres, onde em algumas situações, o primeiro se faz presente no segundo. As pescadoras de Tocantinópolis ainda precisam enfrentar o preconceito, o machismo em sua profissão, que muitas vezes vem mascarado de ações e falas que parecem, de início, inocentes, mas que estão carregadas de discriminação.

O primeiro ponto a ser observado é sobre a participação política dessas mulheres dentro da colônia dos pescadores, à qual elas estão associadas; embora tenham poder de voto e estejam inseridas na diretoria, pautas e demandas próprias das mulheres ainda não são discutidas, e alguns direitos que são direcionados a elas, ainda não é realidade nesta colônia.

O segundo ponto que devemos observar faz relação à dupla jornada de trabalho e como elas fazem para aliar o trabalho da pesca com cuidado dos filhos. As atividades domésticas são ditas como principais dentre as atividades realizadas no cotidiano. Ao sair para o trabalho, a pescadora limpa e arruma a casa, lava a roupa, só depois ela vai para o rio. Quanto ao cuidado dos filhos, a pesquisa revelou que muitas deixam sua profissão, para cuidar dos filhos pequenos, e as mulheres que não optam por ficar com seus filhos, deixam com seus familiares ou pessoas conhecidas.

Por fim, gostaria de chamar atenção às relações estabelecidas dentro da colônia dos pescadores. Com um olhar mais superficial, notamos que as relações são amistosas, as relações de amizade e companheirismo são estabelecidas, eles se ajudam nos momentos de necessidade. Mas quando aprofundamos o olhar, percebemos os conflitos presentes nesse espaço, principalmente quando as relações de gênero se fazem presentes.

Quando falamos das mulheres pescadoras, vemos que os desafios que elas precisam enfrentar são ainda maiores que dos homens; a pesca é uma

profissão difícil por si só, para as mulheres ela ainda se torna mais difícil. O ambiente não foi preparado e nem adaptado para recebê-las. Estar na pesca, para essas mulheres, vai muito além de colocar alimento dentro de casa, significa luta, resistência, independência por meio da profissão.

Esta pesquisa não finaliza aqui, o campo é vasto, há muito para ser investigado. Durante as entrevistas e o andamento da pesquisa, temáticas como saúde, educação, impactos ambientais e econômicos sofridos por elas, os filhos que não se tornaram e não querem ser pescadores, questões políticas foram surgindo. Para quem deseja pesquisar esse campo, ainda há muito que ser investigado.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. *In: A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2011. 13-62 p.

CAVALCANTE, Diego Rocha M. *Entre a casa e a pesca: discutindo gênero e pesca feminina no litoral Paraibano*. ST 64 – Gênero e pesca: participação da mulher no desenvolvimento social. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

FIGUEREDO, Mariana Morenna A.; PROST, Catherine. O trabalho da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal. *Revista Feminismos*, v. 2, n. 1, jan./abr. 2014.

MANESCHY, Maria C. Mulheres na pescar artesanal: trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do estado do Pará. *In: NEVES, Delma P.; MEDEIROS, Leonilde S. (org.). Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niteroi: Alternativa, 2013. p. 41-64.

MANESCHY, Maria C.; SIQUEIRA, Dais; ÁLVARES, Maria L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, set./dez. 2012. p. 713-737.

MARTINS, Mary Lourdes S.; ALVIM, Ronaldo G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Ciências Humanas, v. 11, n. 2, p. 379-390, maio-ago. 2016.

MOTA, Daniele Monteiro. *Trabalho feminino e a construção da identidade profissional na atividade de pesca em Boa Vista (2003-2014)*. 2015. 74 f. Centro de Ciências Humanas, Boa Vista, 2015.

MOTTA-MAUES, Maria Angelica. *"Trabalhadeiras" & "camarados": relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. Belém: Editora Universitária UFPA, 1993.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Rio de Janeiro: Letramento, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise da História. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

WOORTMANN, Ellen F. *Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades "pesqueiras" do Nordeste*. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1991. (Série Antropologia).

Recebido em outubro de 2019.

Aprovado em dezembro 2019.